

Submissão e Resistência:

A Representação Feminina em *A Normalista*, de Adolfo Caminha

BOTTEGA, S. G. N.^[1]; MASSAGLI, S. R.^[2]

O presente projeto propõe um estudo da obra *A Normalista*, de Adolfo Caminha, por meio da análise e observação da condição feminina sob a ótica realista-naturalista nos diferentes aspectos e práticas sociais da época. No final do século XIX, o Realismo e o Naturalismo emergiram como movimentos literários que buscavam retratar a realidade de maneira objetiva e detalhada, em oposição ao sentimentalismo idealizado do Romantismo. O Realismo focava na descrição precisa da vida cotidiana e das relações sociais, com ênfase nas questões morais e na análise crítica da sociedade burguesa; já o Naturalismo, uma vertente mais radical do Realismo, seguia as teorias científicas da época, como o determinismo de Herbert Spencer e o evolucionismo de Charles Darwin, para explicar o comportamento humano. Adolfo Caminha (1867-1897), por meio da narrativa literária, descreve em suas obras as patologias sociais (vícios, adultério e o incesto) que aconteciam em Fortaleza-CE, lugar onde se passa a trama. No romance *A normalista*, a protagonista, Maria do Carmo, é um exemplo da jovem mulher que, dentro desse cenário naturalista, é submetida a abusos e violências, sem o controle de seu próprio destino, revelando as contradições da moralidade burguesa da época. A importância dessa investigação justifica-se ao considerar-se que a literatura do século XIX, via de regra, delega às mulheres o lugar de submissão retratando-as como figuras frágeis, dependentes e subordinadas ao poder masculino. No entanto, Caminha, além de denunciar a violência do patriarcado, também escreve sobre a luta e a resiliência da mulher que precisa assumir um papel dominante para sustentar sua família, como exemplificado pela personagem Amanda Campelo, viúva e mãe, uma figura feminina que, ao contrário do modelo tradicional de submissão, é independente e assume responsabilidades normalmente atribuídas aos homens. Sendo assim, o autor destaca o papel de mulheres que, mesmo oprimidas por uma sociedade patriarcal, demonstravam força e resiliência frente às adversidades, rompendo com o estereótipo da mulher frágil. Esse trabalho também busca realizar um diálogo entre história e literatura, a fim de analisar a história cultural da mulher do Brasil. A pesquisa é de natureza bibliográfica, utilizando autores/as que discutem as relações de gênero e poder como Pierre Bourdieu, bem artigos acadêmicos já publicados sobre o este romance, além da leitura de autores que podem ser relevantes para o contexto do estudo deste momento literário, como Aluisio de Azevedo e Eça de Queiroz, buscando compreender melhor os mecanismos de opressão e resistência que moldaram a vida das mulheres no Brasil do século XIX. Espera-se, com essa pesquisa, contribuir com questões sobre a representação da mulher no Brasil. Por meio da análise de personagens femininas como Maria do Carmo, Amanda Campelo e outras será possível identificar as formas de violência simbólica e física às quais as mulheres

têm sido submetidas e de que maneira os temas abordados na obra permanecem relevantes para a compreensão das questões de gênero na sociedade atual.

Palavras-chave: Naturalismo; História; Literatura; Patriarcado.

Área do Conhecimento: 80000002 - Linguística, Letras e Artes

Origem: Pesquisa

Instituição Financiadora/Agradecimentos:

Aspectos Éticos:

[1] Sara Gabriela Novak Bottega. Discente do curso de Letras-Português e Espanhol.

Universidade Federal da Fronteira Sul. novakbottega@gmail.com

[2] Sérgio Roberto Massagli. Docente do curso de Letras-Português e Espanhol.

Universidade Federal da Fronteira Sul . massaglis@gmail.com